

# MÃES, COM A MELHOR DAS INTENÇÕES

Ana Vieira de Castro, in Revista Pais & Filhos, 2001

*Em cada ano, no mês de Maio, festeja-se o primeiro domingo, que é o dia da nossa Mãe e de todas as mães do mundo. Porque é nas mães que começa o nosso mundo. Mas será no nosso que começa o delas? Acreditemos que sim, que fazem o melhor que podem, o que já não é nada pouco.*

É com a melhor das intenções que nos trazem ao mundo. Pelo menos, todos nós, filhos e filhas, esperamos que assim seja e é o que elas, mães, na maioria das vezes nos garantem. Acreditamos que, de facto, é assim que acontece e, desde logo, com a exigência desmesurada típica das crianças, esperamos um amor total e condicional em todas as circunstâncias, o conforto de um colo quente sempre que necessário, mesmo que fora de horas, e a suave pressão de um abraço apertado sem ser necessário pedi-lo. Apesar de todas as nossas expectativas, nem sempre as mães correspondem, pelo menos com a intensidade e perfeição que inocentemente esperamos, a partir do momento em que chegamos ao mundo. Se não, vejamos. Quando nos pedem que nos portemos como pessoas aprumadas e razoáveis, sem exigências extravagantes, como beber uma dose extra de leite a meio da noite, quando não temos mais que sessenta centímetros de comprimento. Quando, um ou dois anos depois, nos obrigam a «engolir» as lágrimas, porque «um menino grande não chora». Quando nos «empurram» pela porta fora para nos fazermos homens e mulheres adultos, às vezes cedo demais, às vezes quando as nossas pernas são pequenas e ainda frágeis e só calçamos sapatos número 32 ou 33.

É certamente com a melhor das intenções que nos obrigam a chorar no escuro para nos «habituar» às sombras da vida, que tem curvas e cavernas pouco iluminadas, como toda a gente sabe. Que nos comparam com os irmãos mais velhos ou com os mais novos, salientando as suas qualidades, as suas boas notas, o seu jeito para a música, para o desporto, para as línguas, ao mesmo tempo que nos chamam a atenção, ainda que com a maior das gentilezas, para os nossos defeitos e fraquezas, para o modo como somos distraídos e «sonhadores» a ponto de entornarmos a água do jarro ou pisarmos a cauda do cão.

É, com certeza, com a melhor das intenções que nos deixam horas e horas na escola à espera, «porque o trabalho assim o exigiu». Não digo que seja com a melhor das intenções que discutem em altos gritos à nossa frente com os pais e eles com elas e nos obrigam a tomar partido entre um dos dois. Este último caso deve-se a uma daquelas «distracções» típicas dos adultos porque, afinal, todos nós temos o direito a perder a cabeça e as crianças têm obrigação de «se adaptarem» às circunstâncias. Resta dizer que o campo das distracções é quase tão grande como o das «boas intenções».

**Um milhão de sensações.** Sem se darem conta, mas sempre com a melhor das intenções, as nossas mães fazem-nos sentir um milhão de sensações desde que nos lembramos de existir. Sensações doces, ácidas, mornas, geladas, brilhantes de luz, suaves, profundas, cortantes, totais. Fazem-nos sentir esses milhares de sensações, vibrações e energias ao longo da vida, diga-se a bem da verdade, a grande maioria das vezes sem se darem conta. Talvez não lhes tenham ensinado que as palavras, os gestos e os silêncios, bons e maus, caminham dentro de nós como luzes acesas dentro das veias e chegam-nos direitas ao coração de onde irradia a força da vida. As intenções que acompanham as palavras e os gestos bons fazem-nos irradiar e aquecer o coração e sentir as melhores e as mais seguras pessoas do mundo. As outras, as menos boas e, muitas vezes totalmente abaixo do nível da consciência, podem ferir-nos o coração, a ponto de o deixar frio e duro como uma pedra por fora, mesmo que por dentro chore como uma criança que não consegue crescer. (...)

**Mãe, perdoo-to, porque não sabes o que fazes.** Filha única de pais que separaram quando já tinha passado a adolescência, Isabel viveu a infância com um sentimento difuso de liberdade e abandono. Uma liberdade filha do abandono, melhor dizendo. Fazia o que queria, vivia em casa dos primos e amigos da escola, era convidada para passar os fins-de-semana fora, os pais não se importavam e até estimulavam a sua «independência». Até aos 12 anos cresceu sem peias nem entraves, solta e livre, de casa em casa, de mochila às costas. Em casa havia criadas, havia as avós e as tias incansáveis que a penteavam, que lhe lavavam as mãos, que lhe davam o jantar e lhe preparavam a pasta para o dia seguinte ir para a escola. Até lhe contavam umas histórias para adormecer e ela, contente, ouvia-as ao longe, os olhos a fecharem-se-lhe na penumbra do quarto. «Foi nessa altura que me tornei uma hippie em miniatura. Tomei o gosto pela liberdade e pelo prazer de dormir na cama que me destinavam, nunca estranhei colchões nem almofadas. Habituei-me a andar de um lado para o outro», lembra. «Nunca tive próxima da minha mãe. Quando nasci, o meu único irmão, de um ano de idade, estava muito doente e morreu pouco tempo depois. No meio do seu desgosto, não havia lugar para mim. Anos depois saiu-lhe da boca, num momento de fúria, a decepção de não ter sido eu a morrer». Pensativa por um momento, Isabel acrescenta: «Naquele dia, morri de facto um pouco».

Com quarenta anos, decidiu separar as águas definitivamente. Quase nunca vê a mãe, «para não nos magoarmos», diz. Gosta de fazer as malas e partir aos fins de semana, para casa de amigos, ou simplesmente à aventura. Leva consigo o seu filho único de quem nunca se separa.

**Desculpe-me ser pequena, mãe.** Clara fez agora 50 anos e vai contando pedaços soltos da sua vida como quem fala de uma história que não é verdadeiramente sua. Filha do meio de uma família de muitos filhos, foi entregue aos cuidados de uma ama desde que nasceu e assim aconteceu com todos os seus irmãos. «Era hábito naquela altura e, além disso, a minha mãe era muito doente, não aguentava muito barulho, cansava-se muito», explica. A uma certa altura da sua vida a saúde da mãe piorou e o pai decidiu mandar as crianças mais velhas para casa dos avós maternos, que viviam noutra cidade. Certo dia, chegou a vez de Clara deixar a ama que a criou, quando tinha cerca de dois anos de idade. Desembarcou em casa dos avós e aí ficou na companhia dos irmãos, até completar os onze anos, altura em que voltou à casa paterna. «Saímos de casa dos meus pais quando ainda éramos pequenos e voltámos quando já tínhamos idade para tomar conta de nós próprios». O regresso não foi fácil: «Não podíamos fazer barulho. A saúde da minha mãe não o permitia. Vivia-se em silêncio, brincava-se em silêncio e assim foi até voltar a deixar a casa paterna, desta vez, definitivamente», conta Clara.

Nunca se casou, não constituiu uma família que fosse só sua, mas procurou trabalhar em coisas que gostava e dedicar-se por inteiro à sua grande paixão: as viagens. (...)

**Esperaste por mim, coração de mãe.** Conceição é mãe adoptiva da Inês, «filha do coração» em toda a acepção da palavra. Com o marido, decidiram adoptar um filho quando ficou definitivamente provado que não podiam tê-los biologicamente. Não optaram pela inseminação artificial porque, como a esterilidade era paterna, o filho «seria só meu e não dele, o que poderia afectar a relação entre pai e filho», conta. Para ficarem todos em «situação de igualdade», procurou-se o «equilíbrio» adoptando uma menina, com apenas 12 dias e depois de uma espera de quatro longos anos. «Avisaram-nos que a poderíamos ir buscar, de um dia para o outro. Foi complicado, mas maravilhoso. Fica-se contente e, ao mesmo tempo, há uma certa angústia. Não se sabe o que nos espera», lembra Conceição.

De manhã cedo, como combinado, estacionaram o carro perto do hospital. Um atraso inesperado levou-os a «aguentar» três horas, as mais difíceis na vida de ambos, até

pegarem na filha ao colo pela primeira vez. «Pensámos que alguma coisa tinha corrido mal e sentimos que toda a nossa vida estava em jogo naqueles momentos», recorda com emoção. «Depois de lutar muito tempo, chegou finalmente o que tanto desejámos. Deu sentido às nossas vidas. A minha filha é a única pessoa por quem eu vou até ao fim do mundo», diz Conceição de um só fôlego.

**Filha «grande» de mãe «pequena».** Tem imagens soltas da sua infância por volta dos três anos, mas é a partir dos cinco que Luísa se apercebe da «relação instável» que a mãe tinha com ela, filha do meio, e com outros dois irmãos. Lembra-se com nitidez que «havia que ter cuidado para não provocar uma manifestação de carácter desequilibrado da minha mãe». Procurava a todo custo, manter a harmonia, sabendo de antemão que «não se podia desobedecer porque ela não aceitava contrariedades». Aquilo que considera o «perfil desequilibrado da mãe» era a causa do seu comportamento doentio, manifestado em atitudes violentas que «condicionavam toda a minha maneira de estar», revela Luísa. A irmã mais velha, «que não tinha tanto este sentido de responsabilidade e da importância de manter o frágil equilíbrio familiar», não tinha esse cuidado e até provocava as zangas da mãe. Porque tinha o apoio do pai, ao contrário de Luísa. Depois das «crises» maternas, Luísa vivia momentos bons, a relação chegava a ser fácil e mais harmoniosa, porque a mãe confiava nela, no seu amor e sinceridade. Essencialmente, Luísa «desculpava-a, percebia que ela era a primeira vítima de toda a situação», era condescendente com ela. Por volta dos 13 anos de Luísa. O culminar da crise levou a mãe ao suicídio, uma perda que sentiu como um «alívio». Da aceitação, sentimento que até aí a dominara, Luísa passou à fase da revolta. Durou toda adolescência até aos seus vinte anos: «Senti que o legado que ela me tinha deixado era muito pesado, demasiado pesado», recorda. Depois, finalmente e muito devagar, surgiu o perdão. Depois de tantos anos passados, Luís afez um balanço corajoso e lúcido: «A situação vivida abriu caminho em mim para me interrogar e fugir à futilidade da vida e a todos os propósitos fúteis, porque percebi que as pessoas podiam de facto passar à loucura rapidamente. Enquanto viveu, empenhei-me em cuidar dela, protegê-la, sentia-me como se eu fosse a sua própria mãe, tentando manter a maré calma em casa. Percebi que afinal ela fora vítima da educação que tivera. Hoje não sinto revolta, aplico toda a minha vontade em proporcionar equilíbrio aos meus filhos», declara.

**Mãe que espera sempre alcança.** Com 45 anos, Teresa decidiu engravidar, por maior que fosse o risco, dada a sua idade. «Para matar as saudades», diz. Foi criticada e ameaçada pelo perigo da situação de «mãe» tardia, mas não desistiu. Queria prolongar um pouco as épocas mais felizes da minha vida, os anos em que, ainda com vinte e poucos anos, tive os meus primeiros filhos», confessa. Depois de sentir os filhos já crescidos, nasceu o António, um bebé gordo e feliz, risonho, a cheirara a leite e a pó de talco, que ela embala feliz, sem ligar aos costumes correctos com que criou os dois primeiros. O António mama, brinca e aninha-se no colo maduro da sua mãe, e Teresa não lamenta as olheiras das noites mal passadas dos primeiros meses, do mudar das fraldas e dos arrotos do bebé satisfeito que teimam em chegar já a altas horas, quando a casa toda dorme em sossego. «Gosto do desassossego da maternidade. Gosto do cheiro dos bebés, de os ouvir falar, de voltar a viver, passo a passo, todas as etapas, todas as épocas, todas as alegrias, uma por uma, e saciar plenamente toda a vontade que tenho em mantê-los junto ao peito», revela. Até poder.

**O melhor que pudermos.** Quando se decide ter um filho «com a melhor das intenções», não se pode, por maior que seja o desejo, garantir um céu na terra para lhe oferecer, inteirinho, de bandeja. O longo caminho que se estende à nossa frente está longe de ser isento de perturbações, convulsões e coisas inesperadas que podem alterar, mudar e até

transformar as melhores intenções do mundo. Resta o amor, imperfeito, condicionado, «esmagado», perturbado e cansado, mas que, mesmo assim, não deixa de ser amor. Se não fizermos batota. Se em todas as circunstâncias, fizermos o melhor que pudermos, então vale mesmo a pena ser mãe.

**Ana Vieira de Castro**, *in* Revista Pais & Filhos, 2001